



**NÃO É SÓ SOBRE  
PINTOS E  
XOXOTAS  
TRANSGENERIDADES**

Renata Porcellis

Kai Krause

**NÃO É SÓ  
SOBRE PINTOS  
E XOXOTAS  
TRANSGENERIDADES**

Renata Porcellis  
Kai Krause

2024 by Atena Editora

<b>Editora chefe</b>	Copyright © Atena Editora
Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira	Copyright do texto © 2024 As autoras
<b>Editora executiva</b>	Copyright da edição © 2024 Atena Editora
Natalia Oliveira	
<b>Assistente editorial</b>	Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelas autoras.
Flávia Roberta Barão	
<b>Bibliotecária</b>	Open access publication by Atena Editora
Janaina Ramos	



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva das autoras, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos as autoras, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

## **Conselho Editorial**

### **Multidisciplinar**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná

Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba  
Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá  
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco  
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín  
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

# Ficha Técnica

## Título Original

NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS: TRANSGENERIDADES

## Autoras

Renata Porcellis

Kai Krause

## Revisão de Texto

Rafael Barbosa Porcellis da Silva

## Projeto Gráfico e Capa

Bruno Cruz Candido

## Ilustração

Gabriela Barcellos da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P833 Porcellis, Renata  
Não é só sobre pintos e xoxotas: transgeneridades /  
Renata Porcellis, Kai Krause. - Ponta Grossa - PR:  
Atena, 2024.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-258-2769-8  
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.698242207>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. 3. LGBTQI+.  
4. Orientação sexual. 5. Transexualidade. I. Porcellis,  
Renata. II. Krause, Kai. III. Título.

CDD 306.766

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

## **DECLARAÇÃO DAS AUTORAS**

As autoras desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

# APRESENTAÇÃO

O projeto “Visibilidade às diferenças na escola” desenvolvido pelo Fora da Caixa - Grupo de pesquisa em educação, gêneros e sexualidades do IFSul - Campus Pelotas, busca abordar temáticas sobre gêneros, sexualidades, violências, estereótipos, questões étnico-raciais, gordofobia e vivências queer, que fogem das normas heterossexuais, brancas e masculinas.

Utilizando uma linguagem jovem e atual, voltada ao público adolescente na faixa etária entre 14 e 18 anos, tentamos desenvolver um texto atrativo para que a juventude consiga, de fato, apropriar-se dos conhecimentos compartilhados pelos dez livros produzidos, buscando a construção de relações mais empáticas, pautadas no reconhecimento das diferenças entre colegas, professores e gestores no ambiente escolar.

Na escolha das referências para a construção dos textos buscamos utilizar materiais produzidos em diferentes perspectivas visando a descolonização do conhecimento bem como o reconhecimento das vivências e experiências dos grupos oprimidos. Utilizamos, então, textos de teóricas mulheres, negras, gordas, latino-americanas e africanas, junto com referenciais europeus, brancos e masculinos.

O conteúdo dos livros é resultado de um projeto de pesquisa apoiado pela Pró-reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul, através do EDITAL PROPESP-BOLSA/ IFSul - Nº 06/2018.

CO  
LE  
ÇÃO

EXPLICANDO  
GÊNERO

**CO  
LE  
ÇÃO**

**EXPLICANDO  
GÊNERO**

**QUAL É A  
DIFERENÇA?**

**SEXO, GÊNERO, EXPRESSÃO  
DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

**NO FINAL É  
TUDO DRAG:**

**ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO**

**VOCÊ VAI SE ARREPENDER DE LEVANTAR A MÃO  
PRA MIM!**

**VIOLÊNCIAS DE GÊNERO**

**NÃO É SÓ SOBRE  
PINTOS E XOXOTAS**

**TRANSGENERIDADES**

**NÃO TEM CABIMENTO  
ESSA TAL**

**GORDOFOBIA**

**ONDE VOCÊ  
ESCONDE SEU**

**RACISMO?**

**HOMO. SEXY. UAU!**

**TUDO SOBRE SER GAY!**

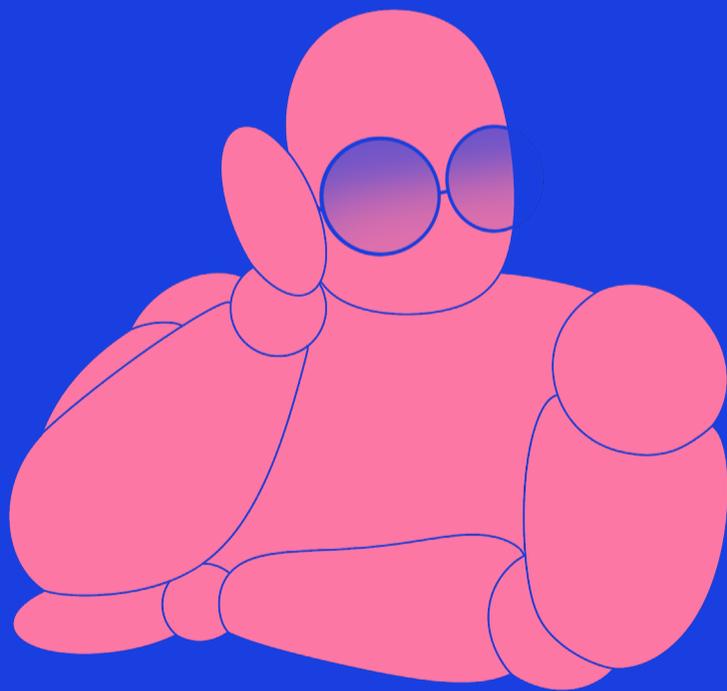
**BEM-VINDA AO BREJO!**

**UTILIDADES SAPATÔNICAS**

**CUIDADO, ESTE LIVRO É FRÁGIL!**

**MANUAL DA HETERONORMATIVIDADE**

**VULVA, MUITO  
PRAZER!**



**1. PRA COMEÇO DE CONVERSA**  
É sempre bom começar do começo

**2. TODA TRABALHADA NA INFORMAÇÃO**  
Transfobia? Pode, não!

**3. NÃO ENTENDEU? A GENTE DESENHA**  
Em números a coisa fica complicada

**4. CAÔ X FATO**  
Todo dia desmentindo uma fake news diferente

**5. BABADO FORTE**  
Que língua é essa?

**6. PRA NÃO DAR CLOSE ERRADO**  
Não é difícil, é só parar!

**7. PRA COLAR NA PROVA**  
Aurélio não, Aurélia!

**8. PRA STALKEAR GERAL**  
Pra se desconstruir comendo pipoca

**9. NÃO PEGOU A REFERÊNCIA?**  
Ninguém inventou nada da própria cabeça.

NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

1

PRA COMEÇO DE  
CONVERSA

É sempre bom começar do começo

Já ouviu falar de pessoas trans? Travestis? Trans masculinos? Pessoas gênero fluído?

Pois é, abre alas que o mundo T quer passar e é muita gente. O T de LGBTIA+ não é de transparente, é a letra que junta um universo de homens, mulheres, travestis e pessoas não-binárias que, quando nasceram, tiveram um gênero imposto, forçado a elas em função da sua genitália. O problema é que essa imposição é completamente contrária ao seu gênero de verdade! Porque, sim, homens e mulheres trans são homens e mulheres de verdade (e não-binárias também).

Pra entender é bem fácil: quando uma pessoa não se identifica com o gênero imposto em função do genital, seja pelo gênero oposto ou por outro diferente, ela é trans!

### *Mas, como assim, gênero diferente, bicha?*

Ao contrário do que se espera, nem todos são homens ou mulheres. Esses dois gêneros são os ditos “binários”, mas existe muito mais coisa aí no meio. Pessoas não-binárias não são nem homens nem mulheres, mas algo diferente. Podem ser os dois ao mesmo tempo ou de maneira fluida, em momentos específicos; nenhum ou algo diferente. Tem gente que se identifica, inclusive, com mais de dois gêneros!

### *Mas, e como saber se uma pessoa é trans?*

Ser trans não significa fazer modificações corporais, cirurgias ou trocar o estilo das roupas. Mesmo que muitas pessoas trans façam modificações nos seus corpos e aparências, existem pessoas que optam por não fazer isso. A única maneira de saber se uma pessoa é trans mesmo, é perguntando, afinal, só ela sabe como funciona sua vivência de gênero.

*Mas pergunta com respeito! Não vai sair por aí perguntando isso pros outros sem nem conhecer as pessoas! Vai estar passando vergonha no débito!*

E não vai pensando que isso tudo é novidade! As pessoas trans existem há muito tempo! Tá na hora de a gente te contar tudo o que você precisa saber pra conhecer, respeitar, não pagar micão e não constranger ninguém!



NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

2

TODA TRABALHADA  
NA INFORMAÇÃO

Transfobia? Pode, não!

Geral acha que todas as pessoas na comunidade LGBTIA+ sofrem o mesmo preconceito, ou até preconceitos parecidos. Cai na real, né, garota! Tudo bem que a comunidade LGBTIA+ tá toda misturada na mesma sigla, mas isso não quer dizer que todo mundo sofre do mesmo jeito.

O que acontece é que a nossa sociedade divide as pessoas seguindo a lógica sexo/gênero/desejo. O sexo biológico de alguém (macho/fêmea) “determina” o gênero dessa pessoa (homem/mulher) que “define” a sua atração sexual para o gênero oposto (heterossexualidade). Qualquer forma de vivência que não corresponda a essa lógica social é tratada como uma anomalia, uma aberração, levando a sociedade a marginalizar, excluir, segregar e até exterminar as pessoas que não se encaixam nela.

Se a gente para pra pensar, pessoas LGBA quebram a lógica gênero/sexualidade, pessoas I quebram a lógica do sexo biológico binário e pessoas trans quebram a lógica sexo/gênero.

A transfobia é uma violência específica para a comunidade T, que pode ser explícita ou implícita, direta ou indireta e acontece em todos os lugares. Sabia que o Brasil é o país onde mais se mata travestis e transgêneros e onde mais se procura conteúdo pornográfico utilizando “travesti” como palavra-chave?

Se não caiu a ficha ainda, a nossa sociedade só reconhece dois gêneros: homem e mulher. Dá pra ver isso em todos os lugares: nas mídias, na escola, nos materiais escolares, em fichas de inscrição, nos banheiros, só encontramos homens e mulheres, sexo feminino ou masculino. O nome disso é binarismo de gênero: a ideia de que só existem dois gêneros possíveis.

Isso faz com que vivências não-binárias de gênero sejam desconsideradas ou consideradas “menos trans”. Pessoas trans não-binárias escutam constantemente que suas vivências não existem, que sua não identificação com gêneros binários é algo absurdo porque “ou você é homem, ou é mulher”. O Estado não reconhece essa existência, algumas vertentes feministas também não e até mesmo dentro do

movimento LGBTIA+ ela é questionada.

E não é só em movimentos sociais ou na vida cotidiana que transfobia existe, ela também é muito forte na escola. Quantas colegas travestis você já teve na vida? Difícil, né? É que é comum travestis e transgêneros não conseguirem completar sua educação básica e não é porque elas são “vagabundas” ou simplesmente “desistiram” de estudar. Elas são, literalmente e com todas as letras, expulsas das escolas através de violências cotidianas. As que conseguem e até as que completam a faculdade, encontram um mercado de trabalho que não as recebe ou, quando recebe, faz isso de uma forma não inclusiva e violenta. Isso somado ao grande número de pessoas trans expulsas de casa faz com que a gente encontre 90% dessa população trabalhando como profissionais do sexo. A vivência nas ruas não é simples, muitas travestis precisam sujeitar seus corpos a modificações desumanas com materiais impróprios para o corpo, como o silicone industrial, por exemplo. Muitas são forçadas a usar drogas durante os programas como exigência do(s) cliente(s) e muitas vezes acabam se encontrando em situações de risco à própria vida. Todos esses fatores, acabam nos trazendo um dado preocupante: a expectativa de vida de travestis e transgêneros no Brasil é cerca de 35 anos, contra 75,8 anos para o resto da população.

*Não te pareceu nem um pouco absurdo?*

Travestis e transgêneros vivem meias-vidas, tendo suas histórias brutalmente interrompidas por causa da violência transfóbica.

## E A ESCOLA COM ISSO?

A escola é o primeiro lugar onde a gente convive com gente diferente da gente. O problema é que geralmente esse contato não é feliz em receber a diferença como algo positivo, mas sim como motivo de piada. Crianças e adolescentes gordos, LGBTIA+, negras, com necessidades específicas, sofrem diversos tipos de preconceitos, o que acaba gerando um ciclo de bullying e exclusão.

Na escola, pessoas trans sofrem violências variadas no seu dia a dia, o que faz com que muitas desistam da escola. Como falamos de pessoas menores de idade, que ainda não podem alterar os documentos sem autorização de algum responsável legal, dificilmente têm seu nome social respeitado pelos colegas e pelos professores, que se recusam a alterar o nome na chamada, por exemplo.

Um dos principais problemas para pessoas trans na escola são os banheiros. Quase sempre encontramos banheiros divididos por sexo. Mulheres trans e travestis são expulsas do banheiro feminino por não serem consideradas “mulheres de verdade” e não podem utilizar o banheiro masculino pelo risco que correm de sofrer violência e serem estupradas. Homens trans também não podem usar o banheiro masculino pelo risco de sofrerem estupro corretivo e são expulsos e xingados em banheiros femininos. Pessoas trans não-binárias

*Imagina ser Maria e ser chamada de João o tempo inteiro.*



entram em dilema ao terem que escolher um banheiro que está dentro de padrões binários de gênero que não representam suas reais vivências de gênero.

Isso faz com que pessoas trans tenham que “escolher” entre duas formas de transfobia: ficar sem usar o banheiro durante, pelo menos, quatro horas por dia, cinco dias por semana, acarretando em problemas de saúde como incontinência urinária; ou fazer “**cisplay**” e usar o banheiro segundo o seu gênero imposto.

Você já tinha parado pra pensar que uma coisa tão simples quanto usar um banheiro pode, na verdade, ser uma rotina sofrida para uma pessoa?

## E QUANDO AS MANAS PRECISAM IR NO MÉDICO?



Quando a gente fala de saúde, não é só sobre estar doente ou estar saudável. Saúde é estar bem consigo mesmo, conseguir se relacionar tranquilamente com os outros, ter uma vida afetiva e sexual que não seja frustrada. Não é só ir no postinho pra tomar remédio, é o direito de se sentir bem. Existem muitas demandas para muitas pessoas diferentes: saúde da mulher, saúde da população negra, saúde das pessoas com deficiência e a saúde das pessoas trans. São demandas específicas de coisas que só essas pessoas sofrem e precisam ser atendidas, não é porque não acontece com você que é “frescura” ou não existe!

Mas e aí, quais são as questões de saúde das pessoas trans? Vamos começar nos situando um pouco no tempo e no espaço!

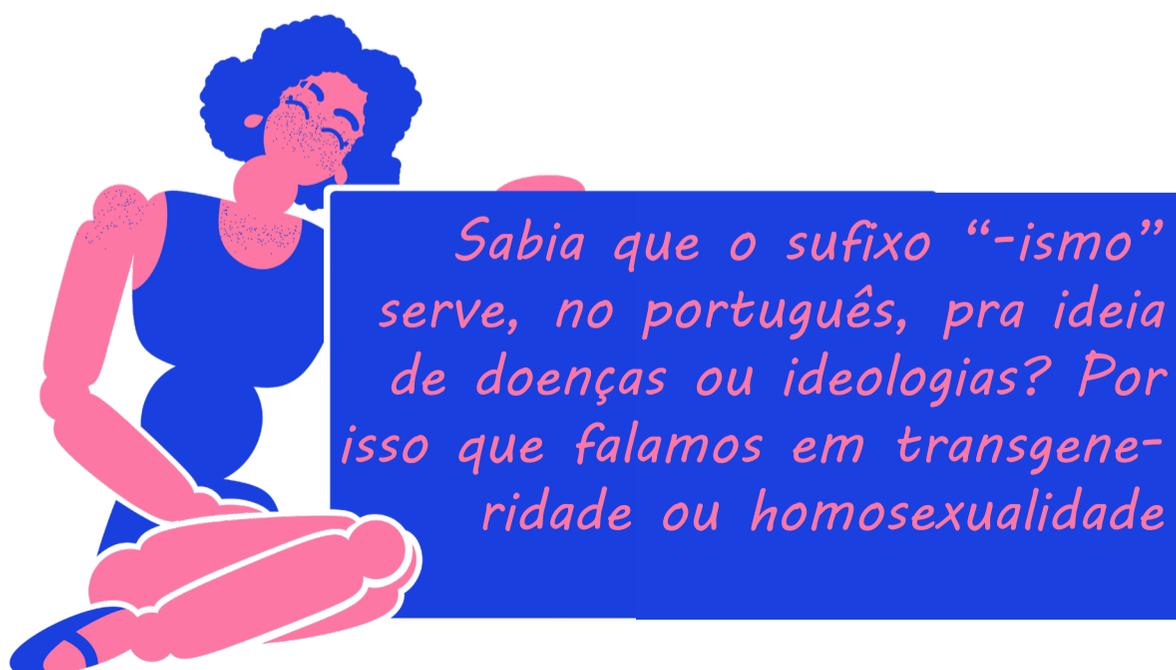
No dia 17 de maio de 1990 a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID). Desde então, nesse dia, comemora-se o dia internacional do combate à homofobia. Porém, o mesmo não aconteceu com a transgeneridade, que permaneceu no CID-10, com o código F64, no capítulo

que trata sobre transtornos mentais e comportamentais com o nome técnico “**Disforia de Gênero**”.

Vinte e oito anos depois da retirada da homossexualidade do CID, a transgeneridade deixa de ser abordada como um transtorno mental e passa a ser tratada como uma questão de saúde sexual. Mesmo não considerando mais a transgeneridade como doença, a OMS optou por mantê-la no CID-11. Mas por que isso? A população T possui demandas específicas de saúde (como os processos de hormonização e as cirurgias de transgenitalização) que requerem um CID para serem feitas por planos de saúde. Retirar totalmente a transgeneridade do CID faria com que as pessoas trans tivessem dificuldade no acesso a esses processos. Por isso, a decisão é um marco histórico na luta pelos direitos da população T que, finalmente, não é mais considerada doente.

A transgeneridade ainda é tratada como **disforia** de gênero, ou seja, o “sexo psicológico” (como é tratado o gênero nos manuais de medicina) de uma pessoa não é compatível com o sexo biológico, o que faz com que essa pessoa sinta repulsa ou nojo desse corpo, ou partes dele, sendo considerado “errado” ou “inadequado”. Ou seja, a medicina cisgênera considera que, para ser trans, o seu corpo deve ser motivo de sofrimento e angústia, pois o gênero de alguém é, supostamente, reflexo do seu corpo, o que sabemos que não é verdade. É possível ser trans e estar em paz com o próprio corpo, afinal, não é ele que dita o gênero de uma pessoa.

O Conselho Federal de Medicina define quatro critérios para diagnosticar pacientes com “transexualismo”



1. Desconforto com o sexo anatômico natural;
2. Desejo expresso de eliminar os genitais, perder as características primárias e secundárias do próprio sexo e ganhar as do sexo oposto;
3. Permanência desses distúrbios de forma contínua e consistente por, no mínimo, dois anos;
4. Ausência de outros transtornos mentais.

*Amiga, para AGORA de chamar isso de cirurgia de troca de sexo; o genital de pessoas trans não é sapato que a gente fica trocando pra combinar com o look.*

Esses são os critérios que uma pessoa trans deve cumprir para que um médico **cisgênero** se sinta no direito de dizer que ela é trans de verdade.

Na mesma resolução, que trata sobre as cirurgias de transgenitalização consta que, para uma pessoa trans fazer alterações no próprio



corpo, ela precisa passar por tratamentos com psiquiatra, cirurgião, endocrinologista, psicólogo e assistente social por, no mínimo, dois anos cada.

Agora olha que interessante: só em 2015 foram realizadas mais de 50 mil cirurgias de vaginoplastia em mulheres cis no mundo todo e nenhuma dessas mulheres precisou passar por dois anos de terapia com psiquiatra, psicólogo ou assistente social! Pessoas cis são autorizadas a fazer as alterações que quiserem e quando quiserem em seus corpos, enquanto pessoas trans precisam da autorização de pessoas cis e um longo processo para percorrer. O direito ao próprio corpo é um privilégio **cisgênero!**

Mas pensa que parou por aí? Não! Tem mais dificuldade pela frente!

Também é exigido a maioria do paciente e “a ausência de características físicas inapropriadas para a cirurgia”, ou seja, pessoas trans precisam se hormonizar para realizar a cirurgia. Acontece que essa hormonização é feita, muitas vezes, por conta própria porque não existem muitos profissionais aptos para atender pessoas trans. Além disso, esses hormônios, tanto os femininos quanto os masculinos, são fabricados para pessoas cis, o que nos leva a mais um problema: pessoas trans não sabem quais os efeitos colaterais dos hormônios em seus corpos. Sem contar que esses hormônios (principalmente a testosterona) são muito caros, levando pessoas trans a buscarem hormônios clandestinos de baixa qualidade e perigosos para o organismo, acarretando numa série de problemas de saúde, como por exemplo, a infertilidade.

## NOME SOCIAL É NOME DE VERDADE!

A maioria das pessoas trans, binárias e não-binárias, adota um nome social que se encaixa melhor com sua vivência de gênero. A escolha de um nome social é muito importante na vida de uma pessoa trans. É quando ela passa a usar um nome que representa verdadeiramente quem ela é. Mas, só começar a usar um nome social não faz com que os registros oficiais da pessoa sejam alterados (RG, título de eleitor, CNH). Para isso, é preciso que a pessoa trans tome algumas providências burocráticas.

Até 2018 as pessoas trans que precisassem alterar os seus registros (ou seja, todas que adotassem nome social) tinham que entrar com ações jurídicas para conseguir mudar os documentos. Isso porque não existia uma legislação que orientasse os cartórios nesse sentido. Como não existia uma lei sobre o assunto, os juízes tinham certa liberdade para decidir como tomar a decisão. Isso acabava fazendo com que juízes, desinformados sobre o assunto (ou só babacas, mesmo), exigissem coisas absurdas como fotos comprovando a feminilidade da pessoa, além de serem exigidos laudos de psiquiatras, psicólogos, endocrinologistas que provassem que a pessoa é realmente trans!



*como se existisse um  
“mulherômetro” para  
medir o quanto uma  
pessoa é mulher*

Em junho de 2018 o Conselho Nacional de Justiça regulamentou a alteração dos registros de uma maneira justa: qualquer pessoa trans com mais de 18 anos pode ir em um cartório e, sem precisar da permissão ou do laudo de ninguém, pode requerer a retificação! Então, você, pessoa trans, que ainda não alterou os documentos, ou você, pessoa cis que conhece uma pessoa trans que tem interesse em fazer isso, pode dizer pra ela procurar o cartório mais próximo, que lá ela será orientada em relação a todos os documentos necessários para sair com sua certidão de nascimento na mão e com seu nome de verdade reconhecido!



## VIOLÊNCIA SEXUAL

É muito importante falarmos sobre estupro corretivo. O estupro corretivo é o ato de estuprar alguém para reverter essa pessoa em uma “mulher de verdade”. Sofrido por homens trans, trans masculinos e pessoas não-binárias com vulva, a prática parte do pressuposto de que, ao estuprar essa pessoa, o “propósito biológico” da mulher (ser penetrada por um pênis durante uma relação sexual) vai reverter o gênero da vítima.

Vamos por partes: primeiro que estupro não é uma relação sexual, pois não é consentida. É uma violência e uma invasão ao corpo da vítima; segundo, homens trans são homens e pessoas **não-binárias** são não-binárias, não há nada a ser corrigido. São vivências diferentes da sua que merecem ser respeitadas como dignas e verdadeiras. Estuprar alguém não vai “reverter” a sua existência, vai apenas somar dor e sofrimento a ela.

Nada justifica um estupro! É um crime hediondo e ninguém merece passar por isso, sejam mulheres cis, trans, hétero, lésbicas ou homens trans!

## VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

*Ofender alguém não te parece nem um pouco errado?*

A violência psicológica é um tipo de violência que não afeta necessariamente o físico de uma pessoa, mas machuca o seu emocional e afeta suas relações sociais e afetivas.

A transfobia psicológica acontece de várias formas, como xingamentos e palavras pejorativas para se referir

às pessoas trans. A palavra “traveco” é a mais comum de ouvir. Esse termo, terrivelmente ofensivo, dá a ideia de menos gente ou gente inferior (é tipo dizer “não acredito que tu tá lendo este jornaleco”). Não existe contexto em que você pode usar essa palavra!

Outra forma de violência que pode passar despercebida é o respeito aos pronomes de tratamento. Quando você conhecer uma pessoa trans, fique atenta ao pronome que ela usa pra se apresentar. O respeito ao pronome de uma pessoa é muito importante, é muito ruim ter que reivindicar seu gênero todo santo dia e ouvir um pronome que não é o certo, como se a outra pessoa insistisse que seu gênero não é válido (e é exatamente isso que ela está dizendo).

É normal cometer alguns deslizes, principalmente se você conhecia a pessoa antes da sua transição. Se isso acontecer, não precisa fazer drama: se corrigir e pedir desculpas já é o suficiente (e se esforçar para não errar de novo, lógico). Só não vai ficar insistindo no erro! Que aí, além de passar vergonha você está oprimindo a outra pessoa e contribuindo pra sua dor.

“E se eu estiver em dúvida sobre como eu chamo uma pessoa trans?” É bem simples: pergunte para a pessoa como ela prefere ser chamada. É só tomar cuidado pra perguntar de uma maneira educada!

A segregação de pessoas trans também é um problemão. Como já comentamos, vivemos em uma sociedade que só admite corpos que vivam dentro do sistema sexo/gênero/sexualidade e qualquer corpo que fuja desse padrão é tratado como sujo, impróprio, doente, repugnante e inadmissível no convívio em sociedade. A filósofa americana Judith Butler criou um conceito para definir os corpos que são tratados assim: os corpos abjetos.

*Um beijo pra Judith.*

Além do que já falamos: as expulsões da casa, da escola e do mercado de trabalho; ao enxergar as pessoas trans como abominações a sociedade cisgênera isola essas pessoas às margens da sociedade e da própria cidade. Você, por exemplo, conhece alguma pessoa trans ou já viu travestis circulando no centro da sua cidade durante a tarde? Não é

muito comum ver essas pessoas nos espaços públicos que a gente frequenta no dia a dia, por causa das violências que elas sofrem quando saem pra esses espaços. Essas violências vão desde olhares que incomodam (de nojo, de curiosidade, de ameaça) vindos de todas as pessoas, até xingamentos explícitos e agressões físicas que acontecem inclusive à luz do dia. Tornar os lugares públicos espaços violentos e perigosos para pessoas trans é uma forma de expulsar essas pessoas desses espaços, deixando para elas a periferia, os becos, as esquinas onde se prostituem e a noite, quando as crianças já estiverem na cama.

Não xingar o coleguinha parece uma coisa óbvia, mas já que nem todo mundo entendeu isso, é melhor lembrar mais uma vez. E com pessoas trans não é diferente: xingar alguém não é “só uma brincadeira”, palavras ofensivas machucam, ficam marcadas na memória e causam sofrimento, dificuldades de se relacionar, vergonha de ser como é, transtornos psicológicos e muitas outras coisas que podem acabar com a vida de alguém, inclusive levando ao suicídio.

## VIOLÊNCIA SIMBÓLICA



Todo mundo adora uma piada bem contada, não é mesmo? Todo mundo adora uma piada bem contada, não é mesmo? O TikTok tá aí pra nos providenciar memes o dia inteiro e a gente sabe que brasileiro é o povo mais criativo na hora de fazer isso. O problema é quando as “piadas” na verdade são só preconceitos disfarçados, que machucam ou reduzem a existência de pessoas. Piadas machistas, gordofóbicas, racistas e transfóbicas costumam, inclusive, passar despercebidas por homens cis, brancos, magros, que são privilegiados e não entendem o peso dessas palavras.

Quando falamos de piadas transfóbicas, o repertório das pessoas cis (inclusive LGBTQIA's) é bem grande. A gente pode começar lembrando que qualquer piada falando de

“traveco” não é engraçada! Ridicularizar pessoas trans com “piadas” sobre prostituição ou criminalidade não é uma coisa legal (ora, ora). Querido LGBTQIA, travestis não são suas “parceiras de crime”. E parem agora de fazer piada com o amigo de vocês que ficou com uma mulher trans, ela é uma mulher de verdade e ele segue sendo hétero, ninguém caiu em nenhuma “armadilha”.

O humor pode ser uma coisa incrível quando, por exemplo, usamos ele para dar voz pra realidade do oprimido, ou quando usamos ele só para descontrair e esquecer um pouco do fundo do poço. Mas, quando disfarçamos preconceitos com o argumento de que “é apenas uma piada” se torna mais uma forma de disseminação de ódio e opressão. O mínimo a se fazer em casos assim, é não rir dessas “piadas” e problematizar na rodinha, porque além de quem conta, quem ri também tem culpa dessa reprodução de preconceito.

## E A REPRESENTATIVIDADE, COMO FICA?

As mídias e os meios de comunicação, em geral, influenciam as nossas ideias e opiniões. O tempo

inteiro a gente é bombardeado com muitas informações que influenciam a forma como pensamos e enxergamos o mundo. Isso não é uma coisa ruim. Se manter informado é muito importante, mas o pacote não é perfeito e vem com muita reprodução de preconceito, o que acaba tornando as pessoas preconceituosas.

A representação de pessoas trans nas mídias, quando existe (porque as vezes parece que a gente é unicórnio e só existe em contos de fada), nem sempre é positiva. Em jornais, por exemplo, a maioria das notícias que falam em pessoas trans são sobre violência, sobre a morte de travestis e transgêneros, sendo contada sem o respeito aos pronomes, quase sempre enfatizando a ideia de “um homem que virou mulher”, “um homem que quer ser mulher” ou utilizando o nome social dela apenas como um apelido, dizendo o nome de registro logo em seguida como o “nome de verdade”.

Tem também os famosos posts de “antes e depois”, mostrando fotos ou vídeos de pessoas trans antes e depois da transição. Isso não é uma coisa legal. Além de incentivar uma curiosidade desnecessária sobre o passado de uma pessoa, mostrar imagens de alguém antes da transição pode ser constrangedor e pode fazer com que a pessoa tenha que reafirmar ainda mais o seu gênero.

Outra forma horrível de encontrarmos pessoas trans na mídia é em quadros “humorísticos” de “descobrir” quem não é “mulher de verdade”. Geralmente esses quadros de TV aberta contratam travestis e mulheres trans desempregadas que, precisando do dinheiro, aceitam ser humilhadas ao vivo. Sim, humilhadas por uma plateia e pelos telespectadores que ficam procurando sinais pra provar

que ela não é uma mulher, mas uma impostora. Ainda bem que esses programas não são mais tão comuns mas, se você por acaso acabar encontrando algo do tipo enquanto rola os canais entediado, pode seguir rolando porque não vale a pena dar ibope pra um absurdo desses.

*um pouco de juízo  
sempre é bom*



Pessoas trans em séries ou novelas são, na maioria das vezes, representadas por pessoas **cisgênero**. Esse papel, quando feito por uma pessoa **cisgênero**, não representa a população T e reforça a ideia de que pessoas trans são pessoas de outro gênero “vestidas” do gênero oposto para bancar um “papel”. Além do que, olha o absurdo: existem atores e atrizes trans que perdem o papel pra uma pessoa cis até para representarem elas mesmas! Quando essas pessoas existem nas séries ou novelas, não são protagonistas, restando apenas papéis secundários e dificilmente abordando suas histórias, sendo apenas “a trans da novela”.

A ausência de pessoas trans na mídia é um problema, porque se não vemos essas pessoas representadas, elas “não existem” e não precisamos pensar sobre algo que não existe. As questões de gênero são complicadas de entender internamente e não ter modelos enquanto crescemos torna mais difícil o processo de se entender trans e de transicionar. O debate das pautas trans conta com a representação (de maneira correta) das pessoas trans nas mídias como forma de gerar debates sobre a diferença, que possam ajudar a reduzir a transfobia e abrir os caminhos das pessoas trans para lugares diferentes dos que a sociedade cisgênera as reserva.

Mas não é como se não existissem modelos de pessoas trans. Hoje em dia, as trans estão ganhando mais espaço na música, no cinema e em outros lugares, como o YouTube. Desce lá no nosso capítulo “Pra Stalkear Geral” e procura conhecer essas pessoas incríveis e talentosas.

NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

3

NÃO ENTENDEU? A  
GENTE DESENHA

Em números a coisa fica complicada



Uma pesquisa da ONG Transgender Europe mostrou que, entre 2008 e 2016 foram assassinadas 2190 pessoas trans em todo o mundo, sendo 868 só aqui no Brasil. Isso são 39,63% dos casos no mundo todo!

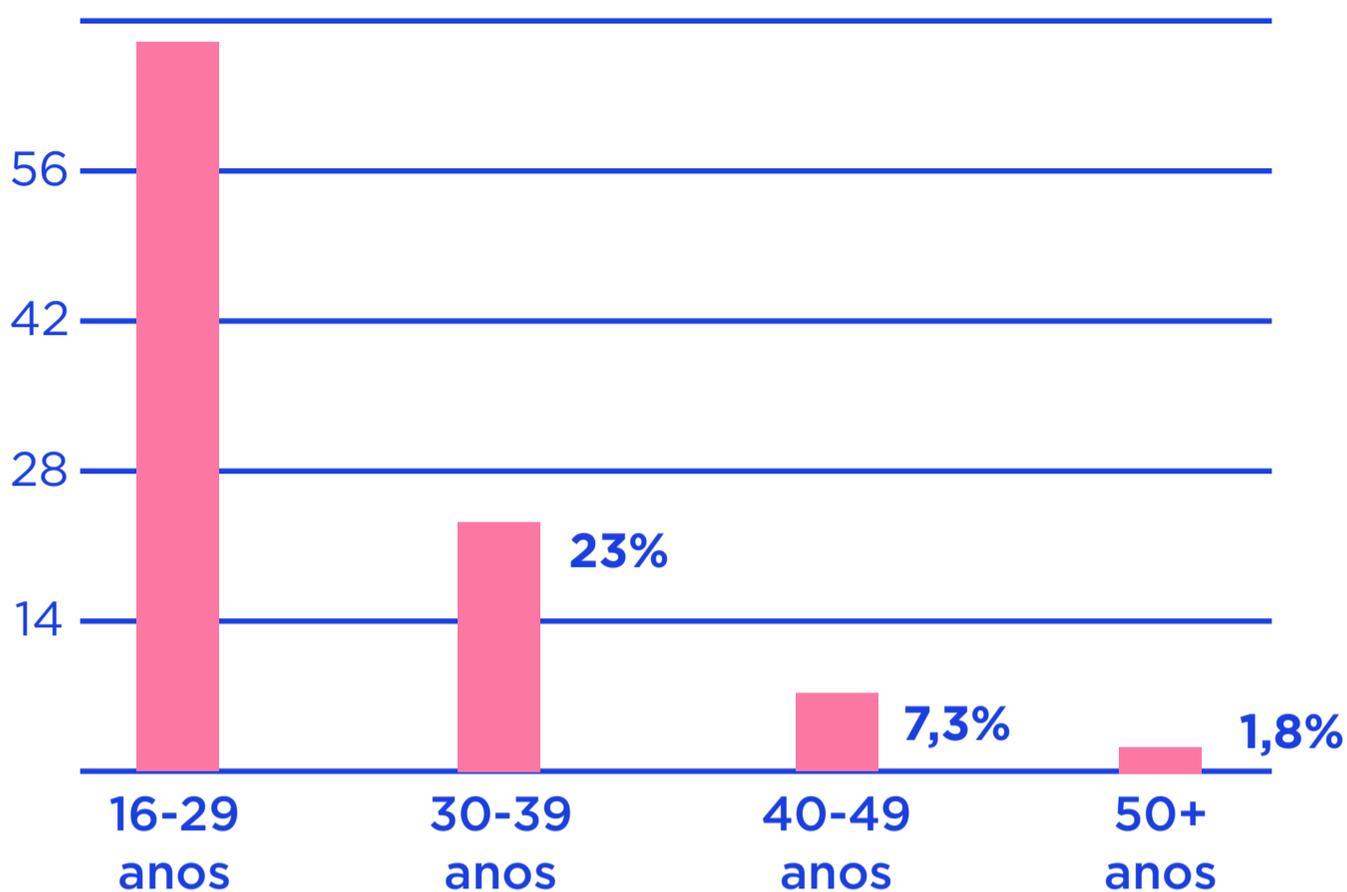
**179**  
**MORTES**

de **peças trans** em 2017

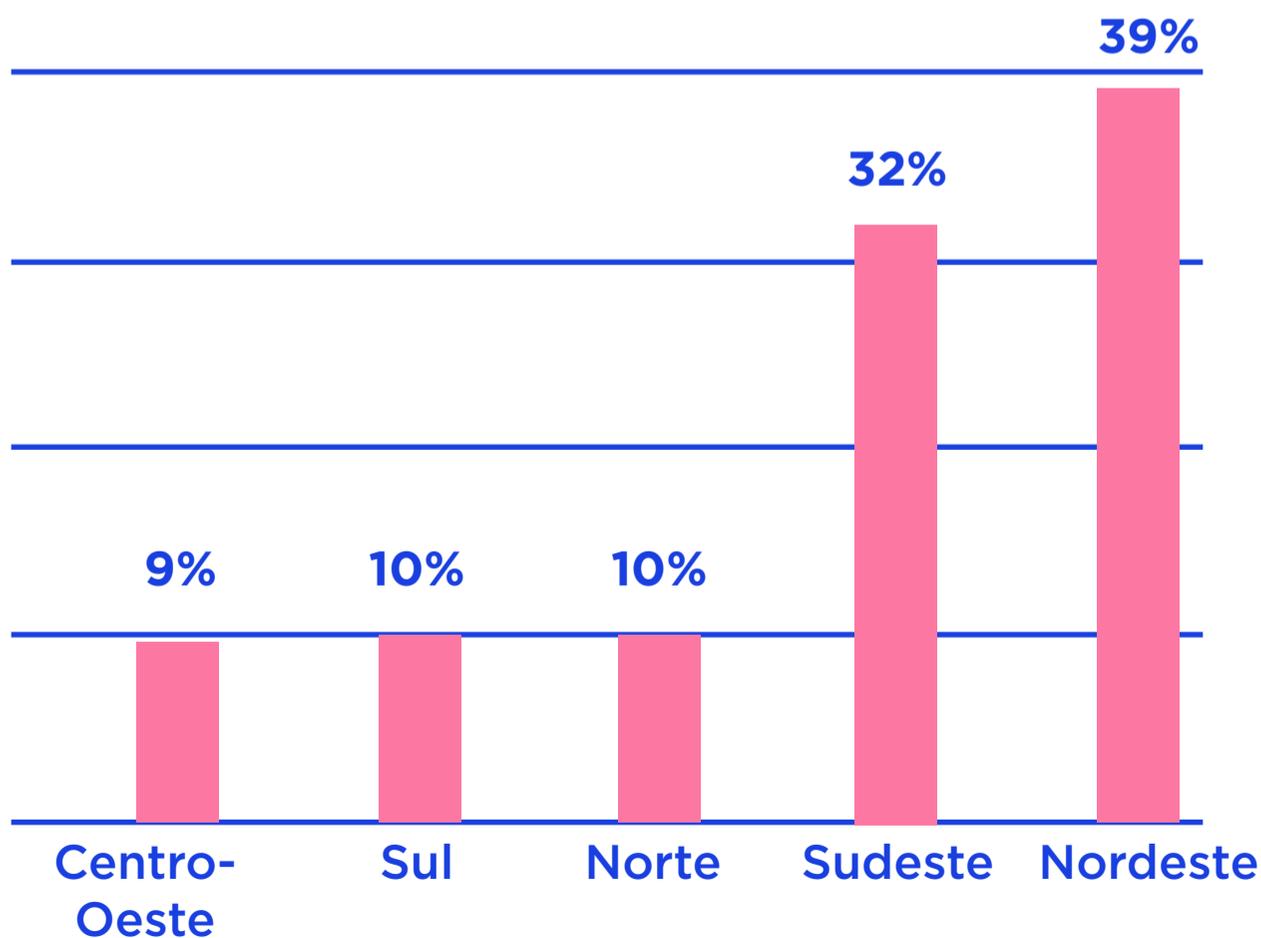
*só 10% dos casos tiveram suspeitos presos*

*-18 pessoas-*

## IDADE DAS VÍTIMAS

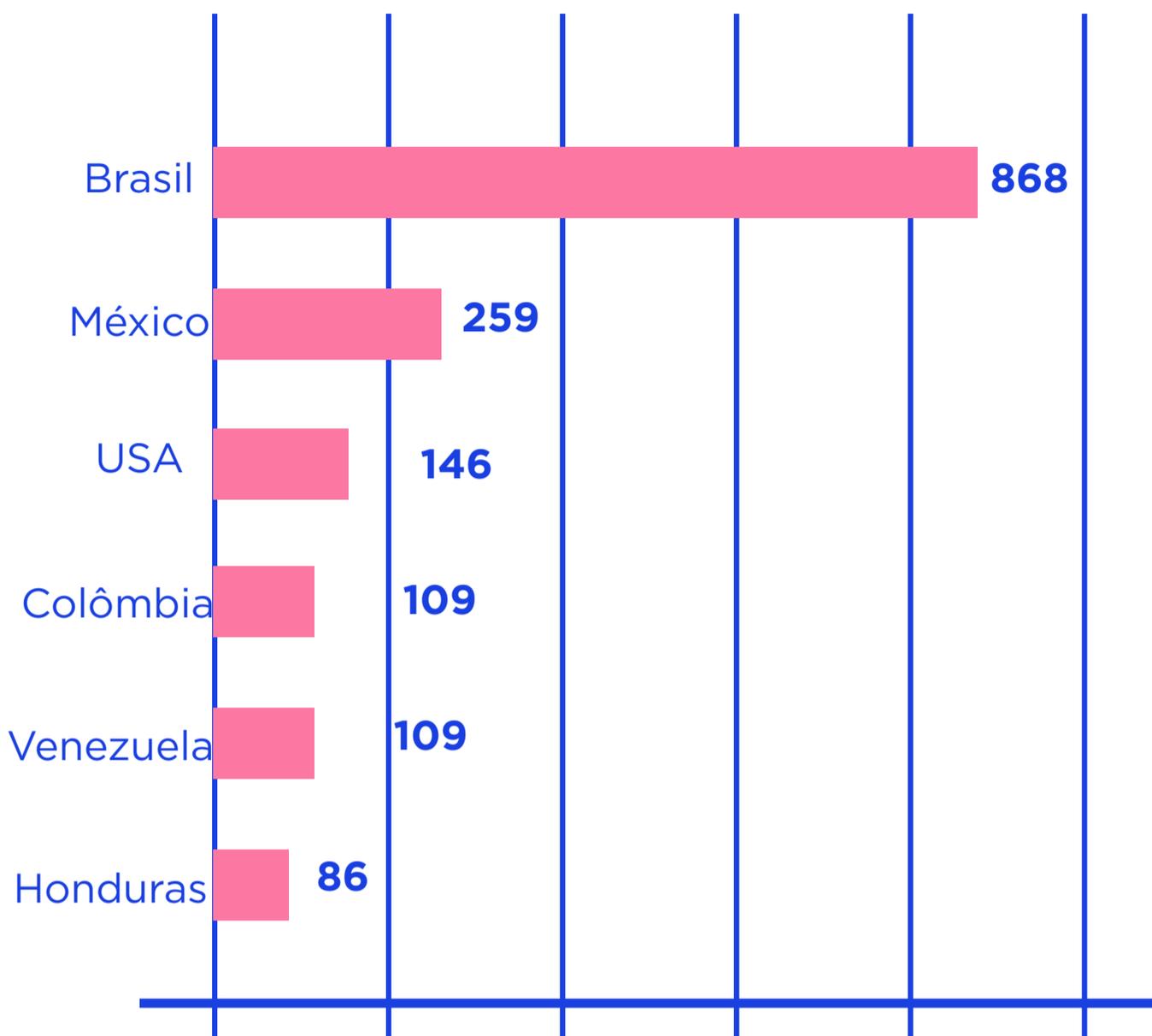


## INCIDÊNCIA DOS ASSASSINADOS POR REGIÃO



# ASSASSINADOS POR PAÍS

(em números absolutos)



# 70%

## DOS ASSASSINATOS

*foram direcionados aquelas que são profissionais do sexo.*

*55% deles aconteceu nas ruas.*

**80%**

**DAS VÍTIMAS**

*foram identificadas como pessoas negras e pardas.*



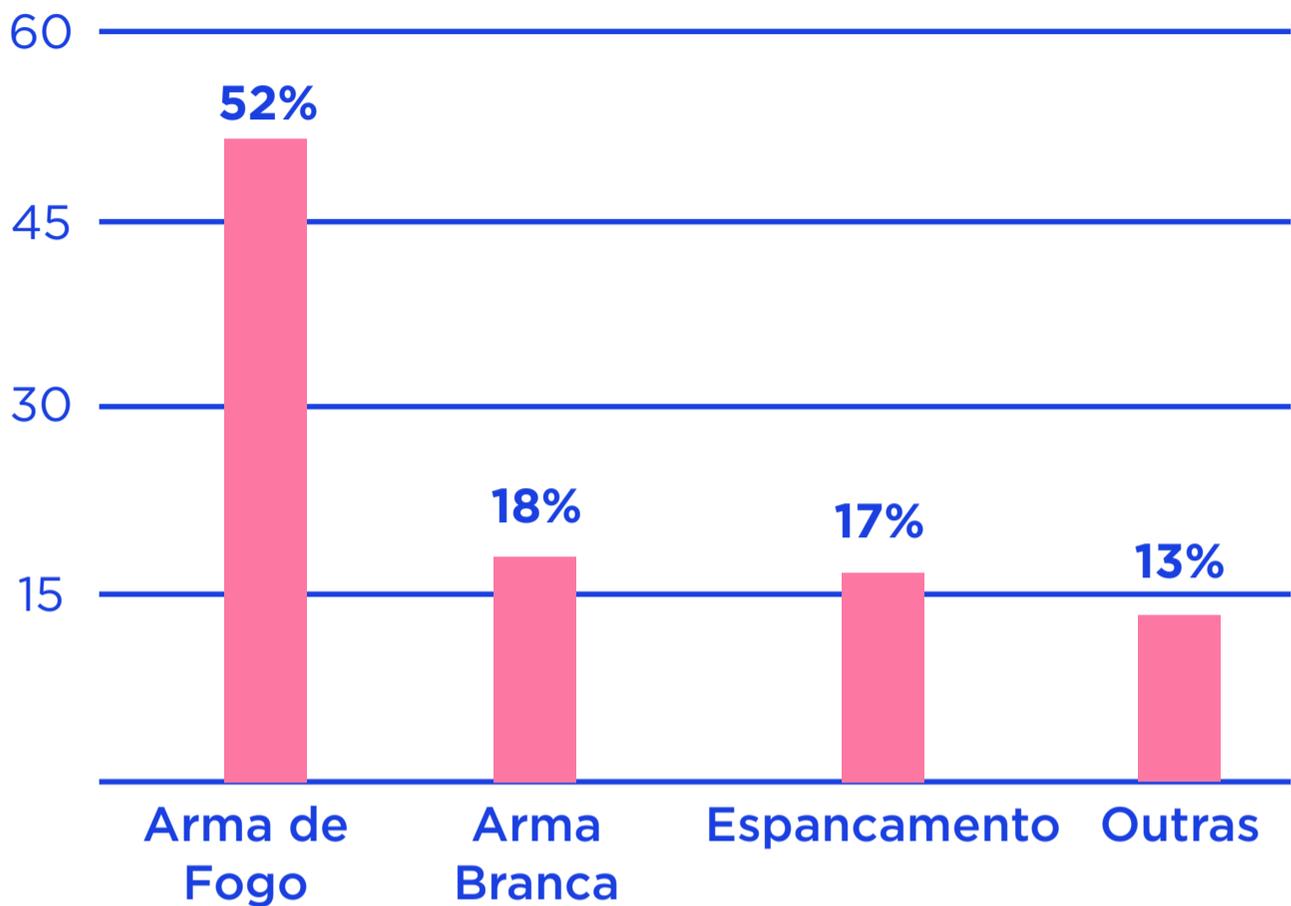
As questões de gênero se reforçam e demonstram que

**94%**

**DOS ASSASSINATOS**

*foram contra pessoas do gênero feminino*

# TIPOS DE ASSASSINATOS



**EM**  
**85%**

dos casos os assassinatos foram apresentados com requintes de crueldade como uso excessivo de violência, esquartejamentos, afogamentos e outras formas brutais de violência.

**ESTIMA-SE**  
**QUE**  
**80%**

dos assassinos não tinham relação direta com a vítima por serem clientes em potencial daquelas que trabalhavam como profissionais do sexo

**A CADA**  
**48h**

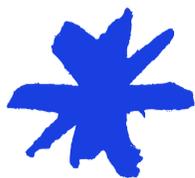
uma pessoa trans é brutalmente assassinada no país.

NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

4

CAÔ X FATO

Todo dia desmentindo uma fake news diferente



Tem muita gente que acha que a mulher trans é tipo um Pokémon: começa como gay, aí evolui e vira travesti e, quando faz a cirurgia, vira mulher trans. Tudo bem que algumas gostariam de ser Pokémons, mas não é bem assim que funciona.



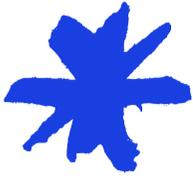
Em primeiro lugar, isso são coisas diferentes: gay é sexualidade e travesti e mulher são gêneros diferentes. E em segundo: a cirurgia de transgenitalização não é parâmetro de quem é trans ou não!



Muitas pessoas trans fazem ou desejam a cirurgia porque a relação com o corpo é complicada e a cirurgia melhora a vida de boa parcela da população trans, isso não temos como negar. Mas não é ela que marca quem é trans “de verdade” e quem é “menos trans”. Ela também não é o fator de diferença entre uma travesti e uma mulher trans. Como a gente disse: são gêneros diferentes. Travestis se identificam como travestis e mulheres trans se identificam como mulheres, independente da genitália.



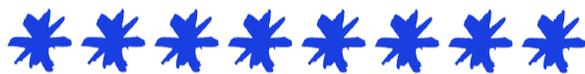
O gênero de uma pessoa é muito mais do que o seu corpo, ele é socialmente construído e pode ser desconstruído. Existem pessoas trans que vivem tranquilíssimas com seus corpos, mulheres com pênis de mulher, homens com vulva de homem e pessoas não-binárias com qualquer que seja o seu genital não-binário.



Fazer ou não fazer a cirurgia é uma escolha da pessoa (assim como qualquer outra alteração no corpo). Quem quer, busca e vive feliz; quem não quer, não busca e vive feliz também! E isso não faz ninguém menos ou mais trans.



Mas, olha bem, viado: se você conhece uma pessoa trans, não vai sair perguntando sobre a cirurgia, se já fez ou se quer fazer. Não é da sua conta! Se você tiver intimidade com a pessoa ou se ela se sentir à vontade pra falar sobre isso, deixe que ela escolha a hora de tocar no assunto porque, até lá, vai seguir sem ser da sua conta.



NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

5

**BABADO FORTE**

Que língua é essa?

# PAJUBÁ

Você já ouviu expressões como “amapô”, “tombar” ou “edy”? Essas expressões fazem parte do Pajubá, um conjunto de expressões e gírias utilizadas pela comunidade LGBTIA+. O Pajubá é muito conhecido pela comunidade LGBTIA+ em todo o Brasil, mas nem todas sabem a sua origem.

O Pajubá junta expressões do Nagô e do Yorubá, linguagens de matriz africana utilizadas em terreiros de candomblé, com expressões do próprio português. O Pajubá começou a ser utilizado por travestis durante a Ditadura Militar, como um código para que as pessoas que não eram do babado não entendessem o que as meninas diziam nas ruas.



*Assim era mais fácil avisar quando os alibãs estavam por perto*

O dialeto acabou recebendo o nome de Pajubá (que significa fofoca) e atravessou as ruas pelas noites até se tornar conhecido em todo o país. Hoje em dia, é comum os méritos do pajubá acabarem com os gays (“dialeto gay”, “gírias gays”), mas o crédito dessa herança histórica é das travestis, que usaram a criatividade para encontrar meios de se protegerem durante a opressão do regime militar.



NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

6

PRA NÃO DAR  
CLOSE ERRADO

Não é difícil, é só parar!

 É **A** travesti: Travesti é um gênero feminino, portanto ao se referir a essas pessoas use sempre o pronome feminino (Ela, a, aquela).

 Você não tem o direito de questionar ou contrariar o gênero de alguém: o gênero de uma pessoa é algo que apenas ela pode afirmar. Se alguém diz pra você que é um homem trans, mesmo que ele não tenha transicionado, você não tem o direito de medir o quão homem essa pessoa é. Enquanto pessoa cis, o seu papel é reconhecer a existência do outro sem questioná-la.

 Conheceu alguma pessoa trans antes dela transicionar? Apague da sua memória o nome de registro dela! Não é porque vocês se conhecem há bastante tempo e têm intimidade que você pode expor essa informação; fotos antes da transição precisam de aprovação da pessoa trans para serem postadas, afinal ela pode se sentir desconfortável; e lógico: apoie essa pessoa. Pessoas trans já não encontram suporte na maioria dos lugares, não contribua para o sofrimento de alguém, permaneça do lado dela.

 Gente, já passou a hora de parar de usar a palavra traveco! E sim, você precisa corrigir o coleguinha que utilizar esse termo que é extremamente pejorativo.

 Já ouviu alguém usar o termo “armadilha” pra se referir a pessoas trans? Se sim, vai lá corrigir o amiguinho! Pessoas trans não estão mentindo sobre quem realmente são nem estão enganando ninguém!

NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

7

PRA COLAR NA  
PROVA

Aurélio não, Aurélia!

\* **Cisgênero-** uma pessoa cisgênera é aquela que se identifica com o gênero que lhe foi imposto ao nascer.

\* **Cisplay-** é o termo usado para situações em que pessoas trans precisam fingir serem cis, por qualquer motivo que seja.

\* **Disforia-** é uma alteração súbita no humor que pode ser passageira e pode levar à tristeza, angústia, ansiedade e pessimismo acentuado. A disforia está associada com quadros de Transtorno Bipolar e Transtorno Depressivo Maior, porém qualquer pessoa, mesmo sem lidar com nenhum transtorno psiquiátrico, pode ter um episódio disfórico.



NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

8

PRA STALKEAR  
GERAL

Pra se desconstruir comendo pipoca

# FILMES



## Tangerine

2015

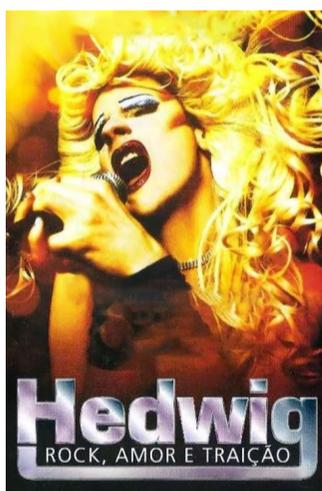
Direção: Sean Baker

**Sinopse:** Assim que sai da prisão, a prostituta transexual Sin-Dee descobre através de sua melhor amiga que o namorado Chester está saindo com outra pessoa, uma mulher cisgênero. Sin-Dee decide encontrar os dois e puni-los pela traição.

## Hedwig and the angry inch

2001

Direção: John Cameron Mitchell



**Sinopse:** Hansel mora em Berlim Ocidental e sonha em se tornar um astro do rock nos EUA. Ele conhece um belo americano que lhe promete amor, liberdade e a realização dos seus sonhos, mas para isso Hansel precisará fazer uma operação de transgenitalização.

## Transamerica

2005

**Direção:** Duncan Tucker



**Sinopse:** Bree Osbourne é uma orgulhosa transexual de Los Angeles, que economiza o quanto pode para fazer a última operação que a transformará definitivamente numa mulher. Um dia ela recebe um telefonema de Toby, um jovem preso em Nova York que está à procura do pai. Bree se dá conta de que ele deve ter sido fruto de um relacionamento seu, quando ainda era homem.

## Meninos não choram

2000

**Direção:** Kimberly Peirce



**Sinopse:** Saiba como Teena Brandon se tornou Brandon Teena e passou a reivindicar uma nova identidade, masculina, numa cidade rural de Falls City, Nebraska. Brandon inicialmente consegue criar uma imagem masculinizada de si mesmo, se apaixonando pela garota com quem sai, Lana, e se tornando amigo de John e Tom. Entretanto, quando a identidade de gênero de Brandon vem público, a revelação ativa uma espiral crescente de violência na cidade.

NÃO É SÓ SOBRE PINTOS E XOXOTAS:  
TRANSGENERIDADES

9

**NÃO PEGOU A  
REFERÊNCIA?**

Ninguém inventou nada da própria cabeça.

AFP. **Cirurgia íntima feminina: uma prática cada vez mais comum e arriscada.** 2017. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2017/01/27/noticias-saude,200915/cirurgia-intima-feminina-uma-pratica-cada-vez-mais-comum-e-arriscada.shtml>> Acesso em: 23 ago 2018.

ANTRA/Associação Nacional de Travestis e Transsexuais. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017.** 2018. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>> Acesso em: 15 ago 2018.

BRASIL/ CASA CIVIL. **Lei nº6.015, de 31 de dezembro de 1973.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L6015compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6015compilada.htm)> Acesso em: 30 ago 2018.

BRASIL/CONSELHOFEDERALDEMEDICINA.**RESOLUÇÃO CFM nº 1.955/2010.** Disponível em: <[http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2010/1955\\_2010.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2010/1955_2010.htm)> Acesso em: 15 ago 2018.

BRASIL/MINISTÉRIO DA SAÚDE. **PORTARIA Nº 457, DE 19 DE AGOSTO DE 2008.** Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457\\_19\\_08\\_2008.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html)> Acesso em: 15 ago 2018.

Butler, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CONJUR. **CNJ regulamenta alterações de nome e sexo no registro civil de pessoas transexuais.** 2018. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2018-jun-29/cnj-regulamenta-alteracoes-nome-sexo-registro-transexuais>> Acesso em: 30 ago 2018.

DICIONARIOEGRAMATICA. **Pajubá: das religiões afro-brasileiras às travestis, e da gíria LGBT à Globo.** Disponível em: <<https://dicionarioegramatica.com.br/2016/02/14/pajuba/>> Acesso em: 10 out 2018.

G1.**Travesti Dandara foi apedrejada e morta a tiros no Ceará, diz secretário.** 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/03/apos-agressao-dandara-foi-morta-com-tiro-diz-secretario-andre-costa.html>> Acesso em: 15 ago 2018.

IVE. **Você sabe o que é Pajubá? 2009.** Disponível em: <<http://www.lupa.facom.ufba.br/2009/06/voce-sabe-o-que-e-pajuba/>> Acesso em: 10 out 2018.

OLIVEIRA, Nielmar de. **Expectativa de vida do brasileiro é de 75,8 anos, diz IBGE. 2017.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2017-12/expectativa-de-vida-do-brasileiro-e-de-758-anos-diz-ibge>> Acesso em: 15 ago 2018.

PACHECO, Clarissa. **Apenas cinco hospitais fazem cirurgia transgenital pelo SUS no Brasil.** 2016. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/apenas-cinco-hospitais-fazem-cirurgia-transgenital-pelo-sus-no-brasil/>> Acesso em: 29 ago 2018.

SIMONETTI, Luciane. **Disforia e o que os seus pensamentos tem a ver com isso. 2016.** Disponível em: <<https://cienciadocerebro.wordpress.com/2016/05/17/disforia-e-o-que-seus-pensamentos-tem-a-ver-com-isso/>> Acesso em: 23 ago 2018.

TERTO, Amauri. **O caso de Jéssica Pereira: A transfobia. E a negação da própria identidade.** 2017. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2017/08/13/o-caso-de-jessica-pereira-a-transfobia-e-a-negacao-da-propria\\_a\\_23076274/](https://www.huffpostbrasil.com/2017/08/13/o-caso-de-jessica-pereira-a-transfobia-e-a-negacao-da-propria_a_23076274/)> Acesso em: 15 ago 2018.

TGEU/Transgender Europe; **TVT/Transrespect versus Transphobia Worldwide**. TMM annual report 2016. 2016. Disponível em: <<https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>> Acesso em: 15 ago 2018.

TOMAZ, Kleber. **Justiça aceita denúncia contra travesti Verônica por tentar matar idosa**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/05/justica-aceita-denuncia-contra-travesti-veronica-por-tentar-matar-idosa.html>> Acesso em: 15 ago 2018.



# SOBRE AS AUTORAS

## RENATA PORCELLIS



É gaúcha, mora desde a infância na cidade de Pelotas. Formada em artes visuais pela UFPel, especialista e mestre em educação pelo IFSul. Mãe da Samar e da Clara, duas meninas, uma trans e outra ainda uma bebê. Atualmente trabalha no Núcleo de gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFSul campus Pelotas.



## KAI KRAUSE

Nascido e crescido em Pelotas. Formou-se técnico em Química pelo IFSUL - Campus Pelotas e, até hoje, não sabe porque fez isso. Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, futura bicha professora que busca educar para a diferença. Ainda tentando entender o que faz na Filosofia... Detesta escrever sobre si mesmo na terceira pessoa.

Este livro digital foi escrito e  
produzido entre  
2018-2024.

Utilizou as fontes da família  
Gotham, Black Rider e MV Boli.